

Subjetividade do sujeito-tradutora na tradução no Brasil do livro *Mulheres que correm com os lobos**

Maria Amélia Lobo Pires

lobo.tradutora@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM)

Resumo:

Considerando-se que a atividade tradutória é sobredeterminada por circunstâncias sócio-históricas e político-ideológicas, este artigo tem como objetivo principal analisar marcas da subjetividade do sujeito-tradutora, a partir de algumas de suas escolhas lexicais, na tradução do livro *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. O corpus deste trabalho é composto por recortes discursivos de trechos selecionados, em inglês e português, da história de Vasalisa, a sábia, da obra de Clarissa P. Estés. O aporte teórico fundamenta-se em autores como Chamberlain, Bauman, Derrida, Hall e Coracini, entre outros. A análise dos dados permitiu-nos concluir que, enquanto a autora se posiciona como sujeito que participa do universo feminino, assunto que constitui a essência do livro; a tradutora, por sua vez, ora se filia a enunciados do discurso da autora, ora parece buscar um apagamento de sua identidade de gênero durante o processo tradutório. Concluímos que a subjetividade da tradutora é marcada por meio de suas escolhas, mostrada por um discurso, o qual se mostra predominantemente marcado por subserviência, e busca de invisibilidade por parte da tradutora.

Palavras-chave: Identidade Fragmentada. Sujeito-Tradutor (a). Subjetividade.

Resumen:

Considerando que la actividad traductiva está sobredeterminada por circunstancias socio-históricas y político-ideológicas, el objetivo principal de este artículo es analizar las marcas de subjetividad del sujeto-traductora, a partir de algunas de sus elecciones lexicales, en la traducción al portugués brasileño del libro *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e historias do arquétipo da mulher selvagem. El corpus de este trabajo se compone de selecciones discursivas, de fragmentos en inglés y en portugués de la historia de Vasalisa, la sabia, de la obra de Clarissa P. Estés. El marco teórico se basa en autores como Chamberlain, Bauman, Derrida, Hall e Coracini, entre otros. El análisis de los datos nos permitió concluir que, mientras la autora se posiciona como sujeto que participa en el universo femenino; asunto que constituye la parte fundamental del libro, la traductora, por su parte, aunque se suscriba a los enunciados del discurso de la autora, parece evadir su identidad de género durante el proceso de traducción. Concluimos que la subjetividad de la traductora está marcada por sus elecciones lingüísticas, mostrada por un discurso que parece estar predominantemente marcado por la sumisión y la búsqueda de la invisibilidad por parte de la traductora.

Palabras clave: Identidad fragmentada. Sujeto Traductor. Subjetividad.

* Este artigo se insere no projeto “Tradução e Multidisciplinaridade: da Torre de Babel à Sociedade Tecnológica, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenado pela Professora Doutora Rosa Maria Olher.

Abstract:

Considering that translation activity is overdetermined by socio-historical and political-ideological circumstances, the main objective of this paper is to analyze subjectivity marks on the translator lexical choices in the translation process into Portuguese of the book *Women who run with the wolves: myths and stories of the wild woman archetype*. Our corpus is composed by discursive linguistic excerpts, in English and Portuguese, of the story “Vasalisa, the wise”, inside the book written by Clarissa P. Estés. The theoretical frame is based upon Chamberlain, Bauman, Derrida, Hall, and Coracini, among others. The database analysis leads to the conclusion that while the author positions herself as a subject within a feminine universe, the translator, sometimes, comply with the author’s discursive utterances, but mostly she seems to avoid her gender identity along the translation process. We finally see that the translator linguistic lexical choices build her subjectivity approach shown in a discourse predominantly subservient as if the translator were searching for invisibility during the whole process.

Keywords: Fragmented Identity. Translator-Subject. Subjectivity

Introdução

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse por questões relacionadas à identidade, tema amplamente abordado em congressos, movimentos e debates, onde se discutem e se propõem soluções para situações limítrofes, nas quais povos, nações e indivíduos sentem-se confusos em relação à sua própria definição. (Coracini, 2007).

Vivemos uma constante crise de identidade, bombardeados pelo sentimento de perda dessas identidades, sejam elas individuais, sociais ou nacionais. Esta perda é provocada, entre outras coisas, pela fragmentação das identidades, as quais têm sido “descentradas” e deslocadas (Hall, 2006, p.8). Percebe-se a perda de um “sentido de si” estável, a qual acarreta o chamado “deslocamento” ou “descentração” do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, constitui-se em uma crise de identidade para o próprio indivíduo. “Torna-se difícil pensar o indivíduo pós-moderno sem postular ‘seus deslocamentos’, exigindo-se sua ‘tradução cultural’ como estratégia de sobrevivência” (Hall, 2006, p. 9). O sujeito-tradutor (a), por sua vez, também não é imune a todo este contexto repleto de incertezas e instabilidades, tendo sua identidade permeada por outras tantas identidades, atreladas às representações que tem de si mesmo e do outro enquanto autor; bem como do leitor do texto que traduz.

Em face dessas questões, este trabalho tem como objetivo principal analisar marcas da subjetividade da tradutora, a partir de algumas escolhas lexicais deste sujeito, na tradução do livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, da terapeuta junguiana Clarissa Pinkola Estés, e traduzido do inglês para o português (brasileiro) por Waldéa Barcellos. O embasamento teórico, construído a partir de autores como (Chamberlain, 1988), (Bauman, 2001), (Derrida, 2002), (Hall, 2006), (Coracini, 2007), entre outros, buscará mobilizar conceitos e conteúdos pertinentes à construção de sentidos no tema proposto para esta reflexão.

Primeiramente, abordaremos aspectos da identidade cultural nesta modernidade tardia. Na sequência, caminharemos para posicionar a subjetividade como marca dos sujeitos, ainda que estes não percebam que se trata de um construto social, que se apresenta drenada e achatada, o que corrobora o aumento do senso de desorientação do sujeito pós-moderno. Finalizando a reflexão, mostraremos aspectos da tradução de gênero, como forma de resistência, e tenciona tornar-se catalisadora de mudanças no discurso da mulher, na expectativa de também cooperar para mudanças no discurso sobre a mulher.

O *corpus* de análise consistirá de recortes discursivos, doravante RD, em inglês e português, da história de Vasalisa, a sábia, no livro *Mulheres que correm com os lobos*. A partir de escolhas lexicais feitas pela tradutora, problematizaremos marcas de sua subjetividade e buscaremos compreender como inúmeros fatores podem, consciente ou inconscientemente, influenciar nessas escolhas feitas, e que revelam inúmeros aspectos socioculturais e histórico-ideológicos destes sujeitos.

1. Fundamentação teórica

A seguir, passaremos à fundamentação teórica, onde buscaremos relacionar aspectos identitários e de gênero à subjetividade do sujeito-tradutora, bem como fornecer subsídios para embasar a análise do *corpus* deste artigo.

Como se sabe, são muitas as discussões acerca das questões identitárias na contemporaneidade, e isso acontece, pelo menos em parte, porque vivemos e vivenciamos, nesta modernidade tardia, uma situação de fluidez, caracterizada pelas incertezas, dúvidas e pela fragmentação do sujeito, o qual se encontra deslocado, fora do eixo socialmente denominado normal. Nesse sentido, afirma-se que as teorias pós-modernas apoiam-se em muitas reflexões, que se opõem ao padronizado, visto que, no jogo da formação identitária, “há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas, ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (Bauman, 2001, p. 19).

As rápidas mudanças pelas quais passa a sociedade moderna exercem uma ação desestabilizadora sobre as estruturas, as instituições e, conseqüentemente, sobre os indivíduos, que perdem os referenciais seguros que lhes conferiam certa previsibilidade e menos inconstância no mundo social. À medida que a identidade étnica, racial, nacional e de gênero não encontram mais apoio, nas antigas noções e conceitos, sucedem múltiplos deslocamentos. Como nos indica (Hall, 2006), a visão do sujeito descentrado toma cada vez mais força ao longo do século XX, influenciada por novos saberes, como os provenientes do feminismo e do pós-estruturalismo, entre outros.

Assim, como se utilizam imagens do outro quando se fala a seu próprio respeito, reforçando-se ou modificando estas autorrepresentações, também isto acontece com profissionais de tradução em relação aos textos traduzidos e seus autores, ultrapassando o imaginário do tradutor com interferência em sua configuração identitária. (Coracini, 2007).

1.1. Hall e a fragmentação do sujeito:

As identidades modernas encontram-se ‘descentradas’, ou seja, fragmentadas, cindidas. Mesmo com divergência de opiniões dentro da comunidade sociológica e com a ausência de afirmações conclusivas a esse respeito, sabe-se que mudanças têm ocorrido. Percebe-se a perda de um “sentido de si” estável, a qual acarreta o chamado deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui-se em uma crise de identidade para o próprio indivíduo (Hall, 2006).

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada, transformada, ‘(re) significada’ continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006).

Bauman (2001, p. 14) escreve que, “de uma era de ‘grupos de referência’ predeterminados passamos a outra de ‘comparação universal’, onde o destino de trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, sofrendo mudanças inúmeras e profundas que acontecem antes mesmo que alcancem sua primeira e principal finalidade, que é a vida do indivíduo”.

Sentimo-nos ameaçados, seja pela hibridação racial e social provocadas pela constante migração de uns para o país de outros, seja pelo fato de vivermos em uma época em que se questionam as verdades preestabelecidas, os conhecimentos fixos e estáveis, as crenças definitivas que assegura(va)m a existência de um centro - religioso, filosófico ou cultural - vacilam num mundo de fronteiras instáveis, fluidas, descontínuas, pulverizáveis e pulverizadas, porosas até mesmo geograficamente, pois se abrem para cidadãos de outros países, onde parece assombrar-nos indelével, porém constantemente, a insegurança, a incerteza e a dúvida (Coracini, 2007).

A identidade não é algo inato do homem, ela é construída ao longo do tempo por processos inconscientes. Por isso, poderíamos falar em identificação ao invés de identidade, já que identificação traz um entendimento de um processo em andamento, em oposição de identidade, que parece ser algo já acabado e definido. O sujeito-tradutor, inserido no contexto sócio-histórico desta pós-modernidade, invariavelmente, possui identidades, as quais, de modo algum, encontram-se unificadas ao redor de um eu coerente (Hall, 2006).

Assim, como a identidade, a língua também se baseia na diferenciação, ou seja, além de dizer o que queremos, a língua também tem uma mensagem oculta, ela pode dizer o que não queremos. Assim, como resume (Hall, 2006, p. 41): “O significado é, inerentemente, instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)”. Há sempre a presença do ‘outro’ em

mim e o 'eu no outro', criando um campo magnético, em constante tensão, cujas identidades ocupam diferentes órbitas, sem que, no entanto, gravitem sob um centro em si mesmas.

1.2 O discurso da mulher brasileira da/na modernidade tardia:

O Brasil, país de entrecruzamento de raças e de culturas, é o país da diversidade por excelência, cheio de complexidades e impossibilitado de ser considerado país de identidade única, pois, além do negro, índio e do colonizador português, recebeu grande quantidade de imigrantes europeus, que se instalaram no sul do país, tornando-se colonos que lutavam por manter sua língua e suas tradições. Houve outros fluxos de imigrantes que se instalaram em diferentes regiões do país. Daí, para se falar da mulher, nesta sociedade, seria necessário situá-la, como sugere (Coracini, 2007) com relação à região, cidade, povoado, etnia e, até mesmo, à classe social. Mas, em uma observação rápida, podemos depreender alguns fragmentos interessantes do imaginário desta mulher e de sua identidade, a partir de percepções de seu discurso.

Para isso, julgamos interessante penetrar na memória discursiva da brasileira, onde o passado dialoga com o presente e mira para o futuro, fornecendo pistas para que possa prepará-lo. De acordo com estudos feitos, as mulheres brasileiras passaram por dificuldades no início do século XIX, quando algumas corajosas decidiram pagar o preço para se tornarem conhecidas e reconhecidas por sua capacidade profissional igual a dos homens.

Com certeza, os homens mantiveram um discurso sexista para se escudarem contra uma possível mudança, fato que seria esperado, mas também em relação às outras mulheres que, sem compreender o que pretendiam tais destemidas, insistiam para que a mulher mantivesse a imagem de 'rainha do lar', advindo inúmeros problemas do imaginário que a sociedade, de modo geral, havia construído ao redor desta mulher, que fora feita para preservar o bem estar da família, casar e ter muitos filhos, cuidando do marido e dos filhos, como único modo de ser feliz.

Mas, como é de se esperar, tudo muda, e com isso, a identidade, que não é fixa nem imutável, também sofreu transformações, em função do momento e movimento histórico e social, determinando mudanças nos discursos, e com isso, reorganização de necessidades e valores. Com a crescente onda de industrialização, a queda da qualidade de vida, com o aumento da necessidade de renda para que se mantivesse o poder aquisitivo da família, a sociedade brasileira passou a aceitar, não sem tremenda relutância, o trabalho da mulher. Na verdade, houve uma higienização, saneamento e manutenção da moral e dos bons costumes, ditados pelas classes sociais hegemônicas. Às mulheres era permitido apenas o exercício de funções, de acordo com sua limitada capacidade física e compleição biológica, ficando mais próximas de cargos que lembrassem sua função materna de cuidadora e educadora do lar. Eram-lhes oferecidas

possibilidades como professoras, enfermeiras, secretárias. No máximo, no estudo, lhes era permitido o magistério, podendo, 'inclusive' ajudar o futuro marido no sustento da família.

Enfim, o discurso procurava manter a mulher na posição que ocupava no imaginário social, não podendo contrariar a moral e os bons costumes. Repetia-se, por toda parte, que o trabalho da mulher não a emanciparia de suas tarefas e papéis na família. Era aterrorizador o fato de a mulher desejar satisfazer suas ambições pessoais com o trabalho pago, com revistas femininas que enalteciam a mulher que escolhia ficar em casa depois de casada. Aquelas que desejavam sair do jugo imposto eram, de modo geral, abandonadas e discriminadas por suas famílias. Com o passar do tempo, condições de vida foram conquistadas pelas mulheres que, brava e heroicamente, desempenharam, por diferentes fatores, papel fundamental na emancipação da mulher brasileira, contribuindo indiretamente para mudança nas representações que habitavam o imaginário das mulheres das classes médias que, diante da necessidade de colaborar para o suporte econômico da família, permitiram-se lançar no mercado de trabalho a partir dos anos sessenta, já no século XX.

A mudança do discurso sobre as mulheres e sua representação no inconsciente delas e da sociedade, de modo geral, tem evoluído, mas ainda é grande o número de mulheres que são assombradas com a ideia de fracasso em seu inconsciente, reféns de suas próprias representações retrógradas, não se permitem avançar e ocupar o que lhes cabe, em casa, na família e na sociedade. Papéis e funções redimensionados e resignificados não de permitir que a mulher continue, gradativamente, a ocupar seu espaço. Em que pese as contradições que povoam o imaginário das mulheres, afetando-lhes a subjetividade, e fazendo com que, sobrecarregada, acumule turnos e expedientes extras no mercado de trabalho e em casa, é tempo de se buscar o alinhamento desta renovação a novas práticas e discursos, que invariavelmente permitirão que novas representações povoem seu inconsciente, de modo a prosseguir, enquanto gênero feminino, neste assertivo processo de transformação.

Pensamos que é hora de avançar e evoluir na conquista do espaço, por meio de um feminismo da diferença, onde as mulheres possam optar pelo rumo de suas vidas. Que estas diferenças não representem desigualdades, mas oportunidade de complementaridade. Em que pese o fato de nossos fantasmas, volta e meia nos assombrarem, é possível reconstruirmos nossa narrativa enquanto mulheres, tornando-nos cientes que, mesmo que esses discursos profundamente arraigados ainda façam algum barulho, eles não podem nos dominar, e podemos codirigir o roteiro final de nossas escolhas e representações. Sabemos que o concreto refletirá a mudança ocorrida no abstrato mundo das representações de/sobre nós, mulheres. Podem, sim, e devem ser transformadas e (re) modeladas de acordo com a percepção desta nova mulher, suas conquistas e cicatrizes da batalha, mas acima de tudo, mulheres guerreiras, atuantes e ativas que podem fazer uma diferença, sendo diferentes e atuando como protagonistas de sua própria história. Concordamos com (Coracini, 2007, p. 95)

quando diz ser “preciso mudar a mulher e mudar o homem, mudar o discurso sobre a mulher para que se possam trazer mudanças reais para a sociedade”.

2.3. Traduções de gênero:

Lori Chamberlain apresenta um panorama das pesquisas feministas no campo dos Estudos da Tradução, mostrando como elas questionam as principais premissas históricas a respeito da tradução, ou seja, aquelas que classificam esta atividade como inferior e, por consequência, feminina. Ao estudar e descrever as práticas e as estratégias empregadas por tradutoras feministas, a autora busca compreender como elas se empenham para superar os desafios e obstáculos que enfrentam no meio literário, segundo a autora:

A pesquisa feminista tem destacado um número considerável de produções literárias femininas, anteriormente marginalizadas ou reprimidas no cânone acadêmico; deste modo, tais pesquisas enfocam o conflito entre teorias de produção literária codificadas em termos masculinos e a realidade da escritora. (Chamberlain, 1998, p. 48)

As pesquisas feministas, ressalta a autora, apontam que “as representações convencionais da mulher – sejam elas artísticas, sociais, econômicas ou políticas – têm sido determinadas por uma ambivalência cultural, sobre a possibilidade da mulher como artista e do status de sua ‘obra’” (Chamberlain, 1998, p. 33). Em seu texto *Gênero e a Metafórica da Tradução*, ela discute as oposições binárias de autor e tradutor, original e tradução, e mostra como isso tem sido associado, tradicionalmente, ao binarismo homem/mulher, que sugere a obrigatória fidelidade do segundo ao primeiro, mostrando que o mundo se concentra no masculino, visto como original e autoridade sobre o feminino, visto como a cópia. Além disso, questiona o paradigma, baseado no gênero, que regula valores culturais por meio da distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo, e que provoca a hierarquia entre escrita original e tradução. Sob tal aspecto, a originalidade e a criatividade da produção associam-se à paternidade e autoridade, enquanto o feminino, à repetição e à procriação. Além de mostrar as diferentes metáforas, utilizadas tradicionalmente para se referirem à tradução, que estão ligadas à mulher, seja como mãe, filha, amante ou como esposa. Pesquisas feministas realizadas em diversas disciplinas têm demonstrado que a oposição entre trabalho produtivo e reprodutivo determina o modo como os valores de uma cultura atuam: esse paradigma descreve originalidade e criatividade em termos de paternidade e autoridade, relegando à figura feminina uma série de papéis secundários. (Chamberlain, 1998).

Da mesma maneira que a mulher, a tradução era considerada como tendo uma função de reprodução, inferior àquela de produção, que está ligada ao homem e ao texto original; o ato tradutório era classificado como secundário e inferior em relação ao original. A analogia, além de gerar graves problemas para a profissão, aponta a tradução como feminina, e o original como masculino, e sugere ainda o original como “natural, verdadeiro e legítimo”, e a cópia como “artificial, falsa e traidora”. Vale

salientar que, a questão não apenas é traduzir, mas de escrever sobre tradução, de teorizar a respeito, assumindo abertamente suas escolhas tradutórias. “Dessa maneira, as tradutoras feministas quebram os padrões convencionais de fidelidade e fazem da tradução um espaço de criação de significados” (Chamberlain, 1998, p.37).

Dépêche escreve sobre as teorias feministas de tradução e suas práticas subversivas, pontuando que “ao longo da história do Ocidente, as tradutoras femininas, ainda que raramente feministas, tomaram caminhos semelhantes àqueles trilhados pelas mulheres (de Letras ou não); quer dizer, sofreram o grande silêncio perpetuado pelo mundo androcêntrico e as imposições da língua patriarcal” (Dépêche, 2004, p. 83). Além disso, questiona o que é traduzir, e afirma ser “o que fazemos todo dia, a qualquer momento: dizer-ler/entender ou escrever e ser compreendido; o que se resume a interpretar o mundo, sem nunca ter todos os elementos necessários para isso, seja de circunstância, contexto histórico, intenção ou manejo adequado da língua. Em outras palavras, uma demonstração das incúrias do nosso mundo imperfeito, tendencioso, múltiplo e não ordenado”. A construção falocêntrica, em eterna ereção, dando ares de consistência e homogeneidade, tenta manter o sistema binário, estrutura onipotente e unívoca, que constitui e se consolida em todas as instâncias da vida. Assim, pode-se perceber a lógica verbal totalmente imbricada na lógica social, e vive versa. É preciso repensar sobre o ato de traduzir, representando *locus* de poder e ameaça, e apagar a diferença entre produção e reprodução, alicerce essencial ao sustento do poder (Dépêche, 2004).

A tradução torna-se, portanto, manipulação e subversão, onde autor (a) e tradutor (a) se completam, abrindo-se a um remodelamento crítico do gênero, identidade e posição do sujeito na linguagem. Tradutor e tradutora devem, também, aprender a se conscientizar acerca das lutas políticas, das relações de poder, que não apenas atribuam significados aos textos - sejam eles, supostamente, os “originais” ou traduções - mas que também decidam sobre seu valor e seu papel na hierarquia e nas circunstâncias sócio-históricas em que vivem e atuam.

2. Análise e discussão:

O *corpus* de análise deste trabalho consta de recortes Discursivos (RDs) selecionados, na história de Vasalisa a sábia, do livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, onde buscaremos discutir e problematizar marcas da subjetividade do sujeito-tradutora, selecionadas a partir da materialidade linguística dos textos em inglês e português.

Muitos dos conceitos mobilizados até este ponto serão pertinentes a esta etapa da pesquisa, constituindo-se em elementos propícios ao questionamento, à problematização e análise, a partir de determinadas escolhas linguísticas feitas pela tradutora Waldéa Barcellos.

Este livro, *Mulheres que correm com os lobos*, foi escrito por uma terapeuta junguiana, Clarissa Pinkola Estés, que utiliza 19 histórias, através das quais busca mostrar o arquétipo da Mulher Selvagem, ou a essência da alma feminina. A autora do livro, tendo estudado durante vários anos o comportamento dos lobos, observou semelhanças entre a loba e a mulher, principalmente no que se refere à dedicação aos filhos, ao companheiro e ao grupo.

Estés afirma que a ‘cultura’ transformou a mulher em uma espécie de animal doméstico, que responde mansamente a determinado condicionamento, permitindo a atrofia de recursos presentes em sua psique, e que esta privação, invariavelmente, rouba-lhe muito da natureza e essência desta mulher em sua plenitude. Este condicionamento, esta ‘domesticação’ travestida em adequação às demandas e questões da pós-modernidade, desenvolve nesta mulher, em contrapartida, sintomas como depressão, fadiga, medo, bloqueio como resposta ao boicote feito à essência de sua psique instintiva mais profunda. Através da interpretação de mitos e histórias deste arquétipo, o livro convida a nós, mulheres-leitora da obra, para que embarquemos na aventura de resgate à nossa natureza primordial, reencontrando-nos com o lado selvagem, nossa alma de lobas, prática essa que deve ser exercida, segundo a autora, por toda mulher ao longo da vida.

A seguir, os RDs selecionados, com os textos em inglês e a respectiva tradução feita pela tradutora Waldéa Barcellos do inglês para o português. Nossa análise será sobre o processo tradutório, a partir da mobilização de conceitos trabalhados até este ponto e alguns elementos de teóricos da tradução. Vamos enumerar os RDs selecionados e, em seguida, problematizaremos, comentando pontos-chave de cada parte deste corpus analisado.

RD¹ - *Intuition is the treasure of a woman's psyche. It is like a divining instrument and like a crystal through which one can see with uncanny interior vision. (Estes, 1992, p.74)*

RD^{1'} - “a intuição é o tesouro da psique da mulher”. Ela é como um *instrumento de adivinhação*, como um cristal através do qual se pode ver com uma visão interior excepcional” (Barcellos, 1999, p. 99).

Analisando o RD¹: *divining instrument* e, o RD^{1'} *-instrumento de adivinhação*, vê-se que a tradutora, optou traduzir *divining instrument* como *instrumento de adivinhação*, ao invés de *instrumento divino*, que poderia ter sido traduzido como algo a serviço do sagrado. A partir das condições de produção (CP) poderíamos compreender uma ou outra escolha. No entanto, entendemos que esta tradutora, certamente, considerou possibilidades da escrita da autora, e os efeitos desta produção de sentidos pelo sujeito-leitora da obra, escolhendo dentre os possíveis e igualmente válidos sentidos “*divining*”, que poderia ser ‘*having the nature of or being a deity*, em português, sendo ou tendo a natureza do Sagrado; ou ainda outra definição em inglês seria *being in the service or worship of a deity; sacred*, sentidos que se aproximam a algo divino, sentido de sagrado; ou então, também, *to practice divination, to guess*, que se aproxima à escolha da tradutora do livro, prática de adivinhação e instrumento de adivinhação.

O questionamento é em relação aos porquês desta ou de outra escolha, e os efeitos de sentido que podem produzir cada uma das escolhas, pois, com base na teoria já exposta anteriormente, este sujeito-tradutora faz sua leitura a partir de filiação a determinada formação discursiva (FD), permeada por ideologias, e como não é possível acesso à real intenção do sujeito-autora, ao se referir à intuição como um “divining instrument”, a tradutora atribui o sentido que lhe pareceu mais pertinente. Este instrumento refere-se à boneca que, na história de Vasalisa, é dada como herança da mãe moribunda à sua pequena filha. O interdiscurso, o ‘já-dito’ em outros tantos discursos, autoriza-nos pensar na organização mental de uma criança, que perde precocemente sua mãe e tem necessidade de ferramentas psíquicas para que ocorra seu processo de desenvolvimento mental e emocional saudáveis. Há necessidade de se compensar a perda desta mãe, colocando-se na figura da boneca, aquela ferramenta mítica, auxiliar à formação de sua psique. A autora do livro justifica a utilização da boneca como alegoria a estes recursos, que por sua vez, são transferidos como herança dos pais aos filhos; mas a pequena Vasalisa, que ficou privada pela morte da mãe, recebe da mãe-natureza provisões para conquistar elementos essenciais à natureza interior. Poderíamos dizer que estes recursos divinos exerceriam uma função sagrada para a menina que, ao receber a boneca, foi igualmente equipada com os recursos necessários para seu desenvolvimento como mulher, com ciência e habilidades para responder a desafios inerentes a cada etapa de sua vida.

Inquietante pensar que a tradutora faz suas escolhas, baseadas em representações que tem de si, da tradução e de quem irá ler o seu trabalho. As múltiplas, cindidas e fragmentadas identidades deste sujeito podem induzir à tentativa de ‘simplificação’, no intuito de negar acesso a recursos que podem, eventualmente, servir como agentes de empoderamento às mulheres. A autora, norte-americana, encontra-se inserida em dado contexto, possui outras representações internalizadas do ser mulher e expressar-se como tal, além de possuir identidades étnicas e culturais diferentes das mulheres latinas. A tradutora, por sua vez, inspira e transpira sua feminilidade e expressão do ‘ser’, permeadas pelo discurso da mulher brasileira, impregnada por discursos sexistas. São inúmeras as possibilidades que, no agenciamento deste sujeito, depreenderão de/em suas representações, escolhas e discursos, marcando, também, subjetivamente todo o processo da tradução.

Pode-se perceber que, interdiscursivamente, há referência à ‘*good enough mother*’ (p.475) ou à figura da “mãe suficientemente boa” (p.580), termo cunhado pelo terapeuta Donald Winnicott, mencionado pela autora do livro, em nota, no final do livro. Ao nos atermos apenas à análise do processo discursivo em questão, é interessante perceber outras vozes presentes neste enunciado que, consciente ou inconscientemente, afetaram tanto as escolhas do sujeito-autora no livro em inglês, quanto as do sujeito-tradutora do livro em português. As escolhas deste sujeito dão-se no âmbito sócio-histórico e se encontram ideologicamente marcadas. Considerar o histórico como constitutivo do processo tradutório, bem como do sentido e do tradutor, significa atentar para o jogo entre memória e esquecimento, contenção e escape de sentidos,

dispersão do sujeito e efeito de unidade, determinação e efeito de responsabilidade etc. A relação de alteridade que o sujeito-tradutora, seja com o Outro de seu inconsciente povoado pela imagem que tem do autor do livro, seja a representação que ela possui do sujeito-leitor, ou com o sujeito que representa o mercado editorial, não podem ser ignorados no processo de análise, e podem agir como fatores relacionados à configuração identitária da tradutora.

O discurso não pode ser considerado como algo hermético, fechado sobre/em si mesmo; porém, é necessário referir-se aos sujeitos que estão envolvidos no processo como um todo. Sujeitos, enquanto lugares sociais, representados na própria materialidade linguística do discurso, inseridos em lugar e momento históricos específicos que influenciam o novo discurso, neste caso, o texto traduzido. Portanto, entende-se que, a partir do lugar ocupado pelo tradutor e, ao mesmo tempo, considerando o autor do 'original' como o outro, o tradutor ocupa um lugar no discurso, assumindo uma posição enunciativa, que se divide em várias posições-sujeito no discurso e, portanto, no texto da tradução (Mittmann, 2003). A tradutora, invariavelmente, mostrará determinadas filiações a determinados discursos, quer de dominadores, quer de dominados. A subjetividade desta mulher-tradutora irá 'emprenhar' de sentidos o produto final de sua produção.

RD²- *As women we call upon our intuition and instincts in order to sniff things out* (p.75)

RD² - "Como mulheres, recorremos à nossa intuição e aos nossos instintos para farejar tudo". (p. 99)

Nestes RDs selecionados, pudemos depreender alguns movimentos interessantes do sujeito-tradutora, e no processo de análise, instigaram certos questionamentos. Chamou-nos mais atenção o fato da tradutora parecer mostrar filiação à Formação Discursiva Feminina, em alguns momentos, como no RD², "*Como mulheres, recorremos à nossa intuição e aos nossos instintos para farejar tudo*" (p. 99). Em RD², *As women we call upon our intuition and instincts in order to sniff things*, a autora do texto em inglês valida o uso da intuição como instrumento de empoderamento das mulheres, como recurso capacitador, que fornece instrumentos e habilita discursos capazes de ressignificar a natureza íntima da mulher, para que desempenhe papéis e funções sem violentar a natureza de seu verdadeiro self.

Em RD², a escolha da tradutora gera, também, um efeito de sentido que nos permite pensar em sua filiação ao mesmo discurso de empoderamento da mulher, como resgate de sua identidade primeira, sua íntima natureza selvagem. Em RD², a utilização da primeira pessoa do plural, *nós, mulheres*, recorremos à nossa intuição e nossos instintos para buscar as coisas que nos dizem respeito. *Para farejar tudo* pode ser compreendido como "para mudar o foco de nossos discursos", enquanto mulheres; para que nossa representação interna de mulher seja remodelada a partir de nosso discurso libertador.

Na sequência, os recortes RD³ e RD³:

RD³- *"In this way the doll represents the inner spirit of us as women"* (p.89)

RD³ "Dessa forma, a boneca representa o espírito interior das mulheres". (p.117)

O sujeito-tradutora, logo em seguida, traduz RD³, *the inner spirit of us as women*, como RD³ “a boneca representa o espírito interior das mulheres” (p.117). Por que não traduzir que a boneca representa “o espírito interior de nós, enquanto mulheres”, se em recortes anteriores, a tradução foi feita na primeira pessoa do plural, isto é, ‘nós’?

O sentido sempre pode ser outro, isto é fato. Mas, neste RD, ela traduz apenas de forma meio que ‘genérica’, superficial e indistinta, referindo-se às mulheres como sujeitos alheios à pessoa da tradutora, que se isenta, portanto, da possibilidade de pertencimento a este grupo específico, ou seja, sua identidade não se delinea à mulher selvagem, “La loba ou La que sabe”, arquétipo da mulher selvagem, aquela que aprende a usar os recursos da psique como um verdadeiro tesouro.

No texto de partida, em inglês, a autora coloca-se como mulher em todos os enunciados onde se faz referência às posturas e escolhas que toda mulher terá que fazer no decorrer de sua vida. Estés filia-se aos discursos que inserem a mulher como guerreira capaz e autorizada a protagonizar sua história de vida.

Sabedores que, enquanto prática social, o discurso não apenas representa o mundo e as relações nele existentes, mas é uma prática de significação, “constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91). Causa-nos estranhamento esta necessidade, consciente ou não da tradutora, em generalizar e procurar isentar-se do empoderamento, conferido pelo discurso do sujeito-autora. Considerando-se o discurso como socialmente construído, sabe-se que pode fornecer pistas para a compreensão de determinadas escolhas em detrimento a outras tantas não escolhas. O poderio de uma linguística falocrática, em uma sociedade latino-americana, onde a configuração identitária da mulher, inúmeras vezes traz em seu âmago, discursos de submissão e perpassados pela subserviência, fazendo com que a tradutora boicote sua eventual adesão ao discurso libertador, buscando, novamente, uma postura de ‘invisibilidade’, semelhante a este RD³.

Ainda que em outros momentos tenha aderido ao discurso, que lhe confere empoderamento, tornando-a capaz de protagonizar sua história, mostra, na maioria das vezes, ‘deslizes’ e/ou atravessamentos, desvelando marcas de sua subjetividade como sujeito do discurso, sujeito este que denuncia a tentativa de apagamento, na busca de invisibilidade do sujeito-tradutora, ao traduzir ‘*espírito das mulheres*’, e não *o espírito de nós mulheres*.

Observamos, em RDs deste *corpus* que, em alguns momentos, o sujeito-tradutor (a) filiou-se às FDs femininas, nas quais ela se coloca como mulher, com a utilização como na seguinte RD: *As women we call upon our*, (RD²), incluindo-se no grupo “nós enquanto mulheres”. Neste RD², a tradutora opta por usar a primeira pessoa do plural, ‘nós’.

Em contrapartida, RD³ “*the doll represents the inner spirit of us as women*” (p.89), no texto de partida em inglês, o sujeito-autor (a) do livro escreveu boneca, inscrevendo-se neste discurso, apropriando-se do ritual de iniciação das mulheres, pela utilização da boneca herdada de sua mãe moribunda, simbologia da intuição feminina, enquanto ferramenta mestra da psique feminina. Neste RD³, a tradutora optou por não se filiar ao grupo das mulheres desta FD, marcada na voz da autora do ‘original’, em inglês. Como se observa, no RD³ “*a boneca representa o espírito interior das mulheres*” (p.117), ou seja, procura apagar-se nesta FD³, em particular.

RD⁴ *This is the wisdom of the homunculus, the small being within. It is our helper* (p.89).

RD⁴ - “Essa é a sabedoria do homunculus, o pequeno ser interior. *Ele é a ajuda*”. (p.117)

Mittmann (2003, p. 11) afirma ser pertinente e necessária a percepção das formas de identificação do tradutor, “deixando de denegá-la, como se fazia no passado, tratando-o como copista, exigindo dele uma repetição como papagaio, sem deslocamentos. É preciso buscar o sentido em outro lugar que não no texto, no autor e no leitor”.

Pode-se constatar que “*This is the wisdom of the homunculus, the small being within. It is our helper*” (p.89) (RD⁴) foi traduzido como “Essa é a sabedoria do homunculus, o pequeno ser interior”; ele é a ajuda” (p. 117) (RD⁴). Uma vez mais, a autora escreve *It is our helper*, onde ‘our’ é pronome possessivo na primeira pessoa do plural. O sujeito-autor (a) do livro inscreveu à ‘simbologia’ presente na boneca, referindo-se a ela como *homunculus*, e, enquanto sujeito, Estés filiou-se à Formação Discursiva feminina, pela utilização de ‘nosso’, ou no caso ‘our’. A tradutora, mais uma vez, traduz como que de forma impessoal e abrangente, “a sabedoria do homunculus, ou a intuição ou ainda a boneca”, apenas “Ele é a ajuda”.

Dentro da perspectiva da desconstrução, o ‘sujeito-tradutor’ atua no que (Derrida, 2002) chama de ‘*double-bind*’, termo proveniente da psicologia e significa duplo-vínculo, que gera nos envolvidos a incerteza de escolher um ou outro elemento do processo de triangulação, a mesma incerteza que gera angústia no tradutor pela ambivalência que provoca as escolhas que faz no processo tradutório. Derrida toma o termo da psicologia para situar o entre-lugar, entre um idioma e outro, entre a imagem que tem do outro, enquanto autor do texto de partida, quanto do outro, leitor do texto traduzido.

No processo tradutório, especificamente nestes dois recortes discursivos, RD³ e RD⁴, a tradutora não se coloca da mesma maneira que a autora do livro, que confirma sua adesão ao discurso que se apropria de ferramentas que fornecem recursos de libertação às mulheres pela conscientização de recursos disponíveis no inconsciente de todas as mulheres. A autora, mulher-terapeuta, fala do espírito interior de nós mulheres, enquanto uma tradução que parece ter sido higienizada, buscando certa (in) visibilidade, que a propósito, sabemos ser utópica. Barcellos, neste entre-lugar, traduz apenas como “espírito interior das mulheres”.

No RD seguinte, o texto em inglês, “*it’s our helper*”, poderia ser traduzido, referindo-se a homunculus, como nosso ajudador”, enquanto que no texto em português, de forma genérica, é traduzido como “é a ajuda”.

O modo como o gênero intersecta com o habitus institucional e com o status, bem como a política de gênero adotada por cada mulher individualmente sugere que outros critérios de identidade, certamente se intersectam com o de gênero, de forma que, frequentemente, duplicam-se as desvantagens para o lado das mulheres. Para isso, entendemos que há veemente necessidade de mudanças no discurso sobre a mulher, para que estas mulheres percebam-se capazes de agenciar suas próprias mudanças de discursos e de representação enquanto mulheres na sociedade como um todo. (Dépêche, 2004)

Autores da perspectiva contestadora ou pós-moderna da tradução entendem que toda tradução é um processo de ‘resistência’, o que nos faz pensar que, ao ser atravessado pela ideologia, este sujeito-tradutor(a), no processo de suas escolhas na produção do texto da tradução, de forma consciente ou inconsciente, assina o texto traduzido, inculcando sempre nas entrelinhas sua ‘assinatura’, deixando, invariavelmente, marcas de sua subjetividade nas traduções, presentes e ‘visíveis’ de diferentes formas e por diferentes efeitos de sentido, em todo o processo discursivo.

3. Conclusão:

A questão da identidade, ainda que tratada durante muito tempo como uma questão de segunda ordem, hoje, emerge como panorama de conflito e pelejas do *self*, onde as certezas plantadas no mundo cartesiano foram profundamente questionadas, durante todo o período moderno. Vivemos tempos de sujeitos de identidades fragmentadas e múltiplas, as quais minam inúmeras certezas firmadas. E é justamente nesse panorama de crise de legitimação das narrativas que há possibilidade de nova configuração, resignificação, como a que nos deparamos nesta reflexão.

O discurso, enquanto prática social, viabiliza reflexões tanto sobre a tradução em si quanto sobre o papel da mulher-tradutora e sua ‘(in) visibilidade’ em uma cultura que procura reforçar uma pretensa superioridade masculina. Além disso, o discurso do (a) tradutor (a) sobre si mesmo (a) enquanto profissional, bem como sua representação da tradução e do valor e importância deste ofício devem mudar, para que haja mudanças efetivas no discurso sobre a tradução na sociedade como um todo. Esta mudança também tem que ocorrer no discurso sobre as mulheres, para que mudanças nos discursos das mulheres também se tornem agentes transformadores, proativos e conscientemente resignificados, assumindo papéis de protagonistas e não meramente coadjuvantes de sua história.

Em relação à tradução, entendemos que, por mais simples que seja, revela ser produto de uma perspectiva de um sujeito interpretante, e não meramente uma compreensão

“neutra” e desinteressada ou, então, um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida (Arrojo, 2000).

Nas traduções de gênero, deve haver um rastreamento, com intuito de se conquistar um “feminismo da diferença”, e tornar o feminino, efetivamente, visível na linguagem. Traduzir no feminino representa uma atividade política e um ato de solidariedade entre mulheres. Construir nosso próprio discurso, enquanto mulheres, parece ser o desafio das novas gerações de mulheres. Que a voz da mulher se faça ouvir em meio às outras; que o discurso da/ e sobre a mulher não seja mais a reprodução de um discurso sexista que eleva as capacidades do homem, em detrimento da mulher. É preciso mudar o discurso da mulher para que se transforme o discurso sobre a mulher, e traga mudanças reais à sociedade. Neste viés é que esta pesquisa pretende contribuir, lançando um olhar sobre estas questões, dentre tantos olhares possíveis (Coracini, 2007).

Na escrita tradutora, pôde-se perceber a construção da subjetividade deste sujeito-tradutor (a), durante o processo tradutório, com a escrita tradutora impregnada por ideologia (s), trazendo a assinatura deste sujeito, até mesmo nas entrelinhas de seu dizer, e que revela sua presença ao deixar marcas, conscientes ou não. Ao se pensar como instituições ou grupos hegemônicos influenciam processos de subjetivação de pessoas ou grupos, reafirma-se direta ou indiretamente que “o poder é tanto exercido quanto reproduzido no e pelo discurso. Sem comunicação – escrita e fala – o poder na sociedade não pode ser exercido ou legitimado” (Arrojo, 2000). Foram justamente alguns processos ideológicos subjacentes à interação que, de certa maneira, buscamos identificar nesta análise.

Nos estudos de gênero, as relações culturalmente estabelecidas entre feminino e masculino são discutidas, e sua representação tem sido responsável por uma infinidade de crenças sobre o feminino e o masculino, que aprisionam tanto homens quanto mulheres em papéis dicotomizados, com o masculino ocupando posição dominante. O discurso deve ser contra-hegemônico, criando posicionamentos alternativos à identificação (Dépêche, 2004). As escolhas da tradutora, no processo tradutório como um todo, mostraram que, ainda que buscando certa invisibilidade na tradução, esta pretensa invisibilidade sempre será utópica, pois, consciente ou inconscientemente, este sujeito-tradutor (a) sempre deixará marcas de sua subjetividade nos textos que traduz. Assim, é importante abrir caminho para se repensar a respeito das relações de gênero, de tal maneira que a androginia cultural possa ser repensada e, a partir daí, ocorram mudanças sociais capazes de resistir e, de certa forma, destituir o primado do falocentrismo linguístico e cultural na sociedade.

Referências:

Arrojo, R. (2000) “Tradução, Desconstrução e Psicanálise”. Rio de Janeiro: Imago.

Bauman, Z. (2001) “Modernidade Líquida”. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Chamberlain, L. Gênero e metafórica da tradução. In: OTTONI, Paulo (Org). “Tradução: a prática da diferença” (1998). Campinas: Editora da Unicamp.

Coracini, M. J. (2007) “A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução”. Campinas: Mercado de Letras.

Dépêche, M. F. (2004) As teorias feministas da tradução e suas práticas subversivas. In: Carvalho, M. J. S.; Rocha, C. M. F. (Org.). “Produzindo gênero”. Porto Alegre: Sulina.

Derrida, J. (2002) “Torre de Babel”. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG.

Estés, C.P. (1994) “Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. (1992) “Woman who run with the wolves: myths and stories of the wild woman archetype”. New York: Ballantine Books.

Fairclough, N. (2001) “Discurso e mudança social”. Brasília: Editora da UnB, 2001

Hall, S. (2006) “A Identidade Cultural na Pós-modernidade”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

Mittmann, S. (2003) “Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto e vista discursivo”. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.